

Aracaty, 2^o de Janeiro de 1921.

Ilustre e presadíssimo amigo Antonio Sales

Abraco - o cordalmente.

Não sei como lhe deua começar esta, nem que desculpas lhe possa apresentar, por estar ainda hoje sem responder sua carta cuja data não me atrevo a mencionar. O senhor, com a sua costumada honradez, talvez se engane e a julgue mais recente. Por isso, silencio sobre esse ponto e espero que me perdoará essa negligencia, que não importou absolutamente em desestima para com o ^{amigo} ~~hom~~ amigo e só tem uma atenuante: ser eu o amigo pequeno, que falto...
Sou mais humilde, tudo se perdoa...

Há quasi dois annos estou em perdidos, ou, melhor, enterrado ás margens do Jaguaribe. Nesse periodo, com Lúcia e Becca - Lúcia e Becca destes sertões. Fiquei assim tão familiarizado com estes municipios, Aracaty, Ibiatã, Ruanas, Lincolns e Moura Nova, como o proprio correio que o percorre todas as semanas; principalmente Ruanas, Lincolns e Aracaty, onde já permaneci: parece que desde meu nascimento: tudo me é conhecido, não me apparece mais uma casa nova, desde a para do Comercio, a "grande antea", até a ultima casa da "bargea", que é como quem diz o "morro do nambo" daqui... Também, que ensina me use a vida, agora mesmo por do que nunca, pois só de uma vez se foram embora quatro companheiros - os meus amigos melhores, aquelles com quem vivi desde o começo deste

serviço, na mais franca e leal camaradagem.

Se vinte e tantos, que oramos em principio, estamos agora, os funcionários da Comissão, reduzidos a seis, inclusive o chefe, Sr. José Figueiredo de Paula Pessoa, que substituiu o primitivo, o honríssimo Sr. Vezze - o melhor chefe que podia haver. Sr. Paula Pessoa é também ótima pessoa, muito amigo dos subalternos, "um rapaz mesmo sem bondade", para falar comoante o modo indígena. Mas, estão cansados de sebas. Dois annos passados aqui valem por dez, no mínimo. Aqui não se vive, vegeta-se. Acaba-se Jeca Tatú a força. Eu, por exemplo, já me sinto esbausto, tão desanimado, tão velho, como um Mathusalem fatigado da vida. Meus companheiros que restam são outros pobres displicentes. Ainda hontem recebi uma carta de um, que se acha em Russas, a qual era um verdadeiro brado de Jeremias: "As vezes, ataca-me o tédio por tal forma, que só não me mata porque uma haba de paoher está custando 250 réis, e eu não sou milionário, para arruinar-me com fortitudades como o suicídio...". É a outra questão, a magna, essa da castidade da vida. Não me arrependo in totum de ter vindo para aqui, malgrato estes meus preciosos dois annos de mocidade, porque melhor aprendi a conhecer a vida e o homem, o homem principalmente... Por que no mais, com referencia a presentes pecuniarios, nada me pendem esta pessoa estadia entre os sururais. Não economizei um real, e, o que é peor, estou enfiado de diuidas, de que só me poderei livrar, com a ajuda de Deus, até fins de Junho: a menos que no arca do céu o mamma de uma gratificação por proventagem, a que temos direito.

No mais, pouco me valen, também, a meus sonhos de arte. O verão, para mim, pelo menos este verão, senhor Dalle, foi uma decepção. Não sei onde a poesia tão esperada por mim. A não ser um romper de alvorada refulgente, pelo inverno febril, quando, após uma noite de aguarceiro, surge o sol de ouro e de fogo, incendiando a tapeçaria do céu enprovezado; ou numa paisagem torva da seca - poesia do norte, ali - sobre um respaldo de outono escaudado, ao pôr do dia: freme a luz por toda a parte, numa esplendor fulgurante; e, sob o fulgor da canícula, a terra desolada, apenas revestida de galharias mortas, arbustos estiolados e cardoios hispidos, parece mergulhada na água fervendo. Chegam os effluvis da luz. O horizonte fogem. E a gente está aterrada sob essa inclemencia do azul, como temendo que o céu se dissolva sobre todas as coisas, como uma onda de metal em conlusão...

Assim mesmo, colligi innumeras notas, fiz dois contos - um dellas quasi uma novella, de 50 paginas - talvez o meu melhor trabalho, o mais viuido, por isso que foi observado directamente. Também, pude corrigir muita coisa falsa que havia, quando não a supprime, no outro conto.

Estou, portanto, com meu livro prompto: onze contos, dezenta paginas talvez. Aguardo-me agora para quando for ao Rio - o que Deus não me deice de proporcionar - por isso de publicar qualquer coisa na "provincia" não é de honra muito. Se o corrigido, como o senhor, soffrer, como elle aconteceu com Minha terra, quanto mais um golpe de Christo, como eu.

É, a proposito de livros, que "fabrica" não está a "Rev. do Brasil"!

É a "F. Guidinha do Poco" não pôde o senhor completá-la, para que fosse editada? Ultimamente li, de Monteiro Lobato, "Cidades mortas" e "Regrinha", que não são, de certo inferiores a "Urupês", se é que se lhe não avantajam em em certos pontos. Também tive em mãos: "Sem crime de Papá", mas, Deus me perdoe, não pude ir além das 80 páginas. Éne "moximfada" de neologismos, adjectivos e amlas e imagem aquelle honer fôrma! Apesar de tão pequena brochura, não se pôde fugir ao habit.: não houve coisa, que o "figonem" produzira obra "sem crime" de prolixidade...

Ben; esta não estáada como oratória de matuto. Deus pô posto final, que bem lhe ha de parecer que melhor seria ficane sem resposta sua carta. Sempre o dictado: palavra de posta... Não se pôde pôer, finalisal-a sem pedir - lhe que se não esqueça nestas tanginquas paragens, e creia que só tenho muita estima! Espero que não tarde o prazer de receber nova carta sua, mesmo para que eu fique certo de que se não molestou comigo.

Meus respeito a D. Alice, e sincera votos por sua felicidade pessoal neste novo anno.

É um forte abraço do meu amigo, Olga.
 O Bernheim (im?)

P.S. - Meu endereço é: Hermann Lima, Estrada de Rolinger - Anantij. - No caso de sentir necessidade, creiam que a carta seja registada, pois o correio e o meu relação pessoal.